

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
SEM NOME

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

Traduzido e editado pela Alma dos Livros, com a permissão de Italics Publishing.
Esta tradução é baseada no livro *Dawn Girl* de Leslie Wolfe.

© 2016 Leslie Wolfe. Todos os direitos reservados.
A Italics Publishing não tem filiação com a Alma Dos Livros
e não é responsável pela qualidade da edição traduzida.

© 2019 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Rapariga sem Nome*
Título original: *Dawn Girl*
Autor: Leslie Wolfe
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Alma dos Livros
Imagens de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
Depósito legal n.º 456 684/19
1.ª edição: junho de 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

1

PRONTA

Esforçou-se por abrir os olhos, obrigando as pálpebras a obedecer. Comprimiu a respiração, tinha a garganta seca e em carne viva, enquanto incitava a onda de náusea a diminuir. Zonza e confusa, lutou por recuperar a consciência. Onde estava?

Sentia-se dormente e trémula, incapaz de se mexer, como se estivesse a acordar de um sono profundo ou de um coma. Tentou mexer os braços, mas não conseguiu. Algo a mantinha imóvel, mas não a magoava. Ou talvez já não sentisse a dor.

Os olhos começaram a adaptar-se à escuridão, o suficiente para distinguir o homem que se movia silenciosamente pela sala. A sua silhueta inundou-lhe o cérebro enevoado com uma vaga de memórias. Arquejou, sentindo a garganta apertada e lágrimas quentes a correr-lhe pelas faces inchadas.

A consciência crescente enviava-lhe fluxos de adrenalina pelo corpo e tentou desesperadamente libertar-se das amarras. A cada esforço inútil, arquejava mais, à procura de ar, forçando-o a entrar-lhe nos pulmões.

O medo comprimia-lhe fortemente a garganta e ganhava terreno, enquanto ela sacudia, impotente, as amarras, mais fraca a

cada segundo. Sentiu-se engolida por uma torrente de escuridão, vinda do cérebro cansado. Procurou afastar essa escuridão enquanto combatia o corpo que não lhe respondia.

Os ruídos chamaram a atenção do homem.

– Vejo que estás acordada. Ótimo – disse ele, sem se virar.

Viu-o pôr uma seringa num pequeno tabuleiro metálico. A asa tilintou, seguida de outro som, desta vez o som áspero e revelador de uma lima a quebrar a ponta de uma ampola de vidro. E um estalido, quando o homem abriu a ampola. Pegou na seringa e encheu-a com o líquido, removendo entretanto o ar, empurrando o êmbolo até saírem várias gotas.

Nesse instante, uma tontura dominou-a e fechou os olhos por um segundo.

– Merda – resmungou o homem. Depois abriu uma gaveta e vasculhou-a apressadamente.

A seguir, aproximou-se.

Ela sentiu a agulha cravar-se-lhe profundamente na coxa, como se estivesse a acontecer a outra pessoa. Sentia-a, mas de forma distante. Notou um ligeiro ardor onde ele lhe injetava o líquido, que desapareceu quando retirou a agulha. Fechou de novo os olhos cansados, indiferente às amarras.

O homem obrigou-a a cheirar sais de amónia e ela voltou à realidade à velocidade de um raio, consciente, alerta e zangada. Por um segundo, debateu-se na tentativa de se libertar, mas paralisou novamente quando os seus olhos se concentraram na figura sinistra que se apresentava diante dela.

Viu um bisturi perto da cara. O pequeno e brilhante objeto prateado era capaz de trazer curas formidáveis, bem como imensa dor. A diferença estava na mão de quem o brandia. Naquele caso, ela sabia com absoluta certeza que nenhuma cura se aproximava; apenas dor.

– Não, não, por favor... – pediu, as lágrimas a cair-lhe abundantemente dos olhos inchados, ardendo enquanto lhe desciam pela cara. – Por favor, não. Eu... faço qualquer coisa.

– Estou pronto – declarou o homem. Parecia calmo, sereno e frio. – Estás pronta?

– Não, não, por favor... – choramingou ela.

– Sim – disse ele baixinho, quase num sussurro, a centímetros da sua cara. – Por favor, diz-me que não. Adoro isso.

Ela calou-se, terrivelmente assustada. Desta vez era diferente. *Ele* era diferente.

2

AMANHECER

— **E** se formos apanhados? — sussurrou a rapariga, indo atrás do rapaz.

Caminhavam rapidamente pela pequena rua residencial envolta em escuridão, seguindo pelo meio da estrada. Não havia passeios. Casas de luxo alinhavam-se de ambos os lados, provavelmente equipadas de holofotes com sensores que eles não queriam ativar.

Ela puxou-lhe a mão, mas ele não parou.

— Nunca te importas com estas coisas, Carl, mas eu, sim. Se formos apanhados, fico de castigo, tipo, para sempre!

O rapaz continuou a andar, apertando-lhe firmemente a mão.

— Carl! — Ela aumentou o tom do sussurro, revelando mais da sua ansiedade.

Ele parou e virou-se, encarando-a. Franziu um pouco o sobrolho ao ver a sua angústia, mas sorriu e acariciou-lhe uma madeixa de cabelo rebelde que lhe saía do capuz da camiseta.

— Não há ninguém, Kris. Ninguém nos vai ver. Vês? Não há luzes acesas, nada. Estão todos a dormir. Zzz. São cinco da manhã.

— Eu sei — suspirou ela —, mas...

Carl beijou-lhe suavemente os lábios, com uma pequena hesitação e desconforto infantil no gesto.

– Vamos ficar bem, prometo – disse, e pegou-lhe de novo na mão. – Estamos quase lá, anda. Vais adorar.

Mais alguns passos e a pequena rua acabava no parque de estacionamento asfaltado do que iria ser uma espécie de futuro empreendimento, talvez um centro comercial. A partir daí, tinham de atravessar a Highway 1. Agacharam-se junto à estrada, à espera de que não houvesse trânsito. Não podiam permitir-se ser vistos, nem à distância. No momento certo, atravessaram a estrada de mãos dadas, e cortaram pelo campo em direção à praia. Seguiu-se atravessar a Ocean Drive e depois cortar por uns quantos metros de arbustos e árvores até à areia.

– Caramba, Carl – protestou Kris, parando bruscamente junto à linha das árvores. – Sabe-se lá que criaturas vivem aqui? Pode haver cobras. Lagartos. Brr...

– Pode haver, mas não há – respondeu Carl, parecendo seguro de si. – Confia em mim.

Ela susteve a respiração e baixou a cabeça, depois apertou com força a mão de Carl. Ele acendeu a lanterna do telemóvel e indicou o caminho sem hesitação. Passados alguns segundos, chegaram à praia, e Kris soltou uma longa e tensa expiração.

A luz da convexa lua minguante refletia-se nas ondas calmas do oceano, lançando centelhas de luz e cobrindo a praia de sombras prateadas. Estavam sozinhos. As únicas criaturas a fazer-lhes companhia eram caranguejos pálidos que assumiram posturas belicosas quando Kris e Carl pisaram a areia à sua volta, rindo-se.

– Vês? Eu disse-te – observou Carl. – Aqui, ninguém nos vê. Podemos fazer o que quisermos – acrescentou, brincalhão.

Kris guinchou e correu em direção à torre salva-vidas. De dia, a torre mostrava os seus brilhantes amarelo e laranja, uma mancha de cores alegres na extensão de areia onde abundavam banhistas. À noite, a estrutura revelava-se sombria, assemelhando-se a uma criatura ameaçadora com pernas altas como as de um inseto.

– Parece um dos extraterrestres d’*A Guerra dos Mundos* – disse Kris, começando depois a correr, agitando os braços, a fingir que voava.

Carl perseguiu-a, rindo e guinchando, à volta da torre e tecendo padrões de pegadas entre os maciços postes de madeira.

– Ufa – disse Carl, parando a perseguição e afastando-se um pouco. – Tresanda a mijar. Vamos sair daqui.

– Ehhh... – respondeu Kris, seguindo-o. – Porque fazem os homens isso?

– O quê? Mijar?

– Toda a gente mijar, génio – respondeu Kris, ofegante da corrida. – Mijar onde tresanda e incomoda as pessoas, era o que eu queria dizer. As mulheres fazem chichi nos arbustos. Os homens deviam mijar na água se não gostam dos arbustos.

– A sério? Isso é nojento.

– Onde achas que mijam os peixes? Ao menos as ondas levavam o chichi e assim não cheirava mal, para estragar o nosso nascer do Sol.

– Os peixes mijam? – Carl chegou-se para trás, incrédulo.

– Não?

Caminharam de mãos dadas, deixando mais alguns metros de distância entre eles e a torre. Então, Carl atirou-se ao chão, arrastando Kris. Ela voltou a guinchar, e riu-se.

– Vamos sentar-nos aqui – disse ele. – Está na hora do espetáculo. Vejamos se nos calha um dos bons.

O céu começava a clarear a leste. Assistiram em silêncio, de mãos dadas, enquanto as sombras escuras de azul e de cinzento se incendiavam gradualmente, misturando vermelhos-escuros e tons de laranja. A linha do horizonte era clara, uma aresta afiada que assinalava onde o oceano se encontrava com o céu.

– Vai ser fantástico – disse Carl. – Não há nuvens nem neblina. – Beijou-lhe rapidamente os lábios e voltou de novo a atenção para o espetáculo de luzes celestial.

– És um rapaz estranho, Carl.

– Sim? Porquê?

– Outros rapazes pedir-me-iam que me escapasse a meio da noite para uns amassos. Contigo, é um nascer do Sol, ponto final. Devo ficar preocupada?

Carl esboçou um grande sorriso e depois fez cócegas a Kris até ela implorar por misericórdia entre arquejos e ataques de riso incontrolável.

– Acaba com isso. Não consigo respirar!

– Talvez eu queira avançar para esses amassos, sabes – disse Carl, rindo-se.

– Nah, está a ficar dia. Podiam ver-nos – Kris afastou-se, pouco convencida. – Alguém podia passar por aqui.

Carl encolheu os ombros e virou a atenção para o nascer do Sol. Pegou-lhe na mão e segurou-a gentilmente, brincando-lhe com os dedos.

Quase metade do céu tinha pegado fogo, desafiando o luar e obliterando a maior parte da sua luz refletida contra as felizes e serenas ondas do oceano.

Carl viu as horas no telemóvel.

– Mais alguns minutos até nascer – anunciou num tom sério, como se estivesse a prever um acontecimento raro e significativo. Tirou algumas fotografias ao céu e então, de repente, tirou uma a Kris.

– Ah... não – reagiu ela –, dá-me isso já, Carl.

Arrancou-lhe o telemóvel da mão e olhou para a foto. A imagem mostrava uma rapariga com o cabelo castanho-dourado em desordem, cobrindo parcialmente um rosto tenso e com vincos profundos na testa. Via-se Kris concentrada a roer a unha do indicador e a babar o punho da manga.

– Horrível – reagiu, carregando na opção de apagar.

– Não! – protestou Carl, tirando-lhe o telemóvel. – Eu gosto!

– Não há nada para gostar. Pronto – disse ela, descontraindo um pouco e arranjando brevemente o cabelo com os dedos longos e finos. – Eu poso para ti. – Sorriu.

Carl tirou-lhe algumas fotografias. Estava linda contra o fundo do céu em fogo, areia rosada e águas azul-turquesa. Captou imagem

atrás de imagem, enquanto ela entrava no espírito e fazia caretas, e rodopiava, rindo-se, à frente dele.

O primeiro raio penetrante de sol surgiu do mar no momento em que Kris gritava, um grito de gelar o sangue que fez com que Carl se levantasse de um salto e corresse para ela.

Sem palavras, Kris apontou com uma mão trémula para a torre salva-vidas. Entre os postes de madeira que sustentavam a estrutura elevada, estava o corpo nu de uma jovem. Parecia ajoelhada, como se rezasse ao sol nascente. Tinha as mãos unidas à frente, no gesto universal e inconfundível de uma silenciosa súplica.

Sustendo a respiração, aproximaram-se cautelosamente, curiosos e, no entanto, assustados. A luz crescente da nova manhã revelava mais pormenores a cada passo que davam. As costas, cobertas de hematomas e pequenos cortes, manchadas de sangue esborratado e seco. Os olhos azuis muito abertos, vidrados. Alguns grãos de areia colados às longas pestanas negras. O belo rosto, imóvel, coberto de cintilantes grãos de areia. Os lábios ligeiramente entreabertos, como que para deixar escapar um último suspiro. Os longos cabelos louros, molhados pela maresia, quase conseguiam disfarçar o corte profundo no pescoço.

Não gotejava sangue da ferida; há já algum tempo que o seu coração deixara de bater. Mas mantinha-se direita, inabalável na postura de oração, os joelhos firmemente presos na areia coberta das pegadas deles e os olhos fixos no belo nascer do Sol de que tinham vindo desfrutar.

3

CENA DO CRIME

O detetive Gary Michowsky praguejou em surdina ao abrir a porta do *Crown Vic* da polícia de Palm Beach. Mordeu o lábio e retesou os músculos cansados, preparando-se para a dor aguda que lhe ia disparar pelas costas no segundo em que pusesse os pés no chão e tentasse sair do carro. Se tivesse sido considerado digno de um dos novos *Ford SUV* distribuídos à polícia por todo o estado, talvez tivesse menos problemas a entrar e a sair do veículo. Mas não, pelo menos não ainda.

Esperou que o parceiro, Todd Fradella, saísse primeiro. Não queria que um indício do seu ataque de ciática gerasse comentários na sala de patrulha. A última coisa de que precisava era de um monte de piadas estúpidas perpetradas por detetives espertinhos e cretinos de uniforme, atacando a sua idade, capacidade de fazer o trabalho e, acima de tudo, a autoestima. Não era assim tão velho; só tinha quarenta e nove anos. A poucos meses dos grandes cinquenta. Não havia uma razão etária para o ataque de ciática, além, claro, de levantar pesos sem cinto, pensando que tinha vinte anos. A proximidade diária do jovem parceiro, Fradella, com o seu bom aspeto boémio, o cabelo pelos ombros e a reserva interminável de

chamadas de raparigas bonitas, não ajudava. Sentia-se compelido a competir, a agarrar-se a qualquer juventude que ainda lhe corresse nas veias.

Pois, por isso estava lixado por uns dias, tendo de trabalhar com dores excruciantes, apesar dos analgésicos que tomava de duas em duas horas. Não podia tirar folgas, não com o novo caso que lhes caíra no quintal. O capitão arquearia pelo menos uma sobranceira se ele as pedisse sequer.

Fradella saltou do carro com invejável agilidade e bateu com a porta. A onda de choque enviou uma rápida e afiada lâmina de dor às costas de Michowsky, um aviso de que tinha de ir com calma. Resmungou e agarrou-se discretamente com a mão esquerda ao aro da porta, usando-a como alavanca para se levantar. Passado um par de segundos terríveis, estava a caminho da área isolada, as costas quase direitas, embora um pouco mais lentamente do que o costume.

A torre salva-vidas já estava rodeada de fita amarela da polícia, presa em estacas improvisadas espetadas na areia. A primeira equipa a responder fora rápida, isolando a área. Michowsky parou junto à linha, hesitante. Curvar-se para passar por baixo da fita, como habitualmente, estava fora de questão. Decidiu ir à volta, ao ver que a fita não se estendia até à água. Caminhou o mais rápido que pôde e contornou a linha no momento em que a carrinha do médico legista estacionava, as rodas meio enterradas na areia macia.

Chegou à torre salva-vidas e teve a primeira visão clara da vítima. Quase arquejou. A posição era chocante, parecendo viva. Nua, ajoelhada na areia, ligeiramente curvada, mas com as costas direitas e a cabeça erguida. Era bela, mesmo na morte. Abanou a cabeça, amargamente. Às vezes, o trabalho deixava-o doente, desgostoso com a vida, com os monstros da humanidade.

– O que temos? – perguntou, mantendo-se a alguns passos do corpo.

Um agente de uniforme aproximou-se, com o bloco de notas aberto na mão.

– A chamada veio às seis e quarenta e oito. Aqueles dois miúdos encontraram-na. – Apontou para um rapaz e uma rapariga sentados na areia junto à área isolada, encolhidos ao lado um do outro, com os ombros encostados. A rapariga chorava em silêncio. – Carl Collunga, dezasseis anos, e Kristen Bowers, também com dezasseis. Está a ver aquele ponto ali, na areia-do-mar, assinalado com o marcador de provas sete? Vomitou ali, a rapariga, Kristen. Um par de vezes. Estava muito perturbada.

– Estou a ver. Os pais já foram notificados?

– Oh, sim – respondeu o polícia de uniforme. – Vêm a caminho.

– O que disseram os miúdos? – perguntou Fradella.

– Disseram que vieram ver o nascer do Sol e descobriram ali o cadáver. Mais nada.

– Nascer do Sol, ah? – resfolegou Michowsky.

– Pois... – O agente riu-se. – Rico encontro que tiveram.

– Antecedentes destes miúdos? – perguntou Michowsky, encostando-se a um dos postes de madeira que sustentavam a torre.

– Famílias abastadas, locais, não têm cadastro. Escapuliram-se; vão enfrentar alguns sarilhos quando os pais chegarem.

– Aposto que sim. E ela? – continuou Michowsky, indicando o cadáver. – Alguma identificação?

– Não há nada visível.

– Não estamos preocupados com pegadas, suponho – resmungou Michowsky, olhando para a areia coberta delas. Durante alguns segundos, viu como a brisa do oceano transportava grãos de areia de e para a cena do crime, erodindo, alterando tudo. A natureza era a contramedida forense perfeita, sobretudo ali na praia. – É inútil. Este sacana é esperto... Aqui, não se consegue tirar provas. De qualquer modo, este é o sítio onde largou o corpo. Não há sangue. Mas teremos de escavar por baixo do corpo, só para ter a certeza. Recolher alguma desta areia.

Aproximou-se lentamente da vítima, analisando-a, observando pormenores.

– Ah... – disse, apontando para as mãos da rapariga.

– Pois – respondeu Fradella. – Também não vi isso, pelo menos de início.

Tinha as mãos amarradas com fio de pesca fino, quase invisível, numa postura como que de oração. Daquele fio, subia outro, atado à estrutura de madeira, o qual lhe mantinha as mãos no sítio e garantia a posição do corpo. O filho da mãe montara-lhes um espetáculo.

Michowsky calçou uma luva e tocou no fio de pesca. Estava resistente. Pressionou um pouco mais, mas as mãos recusaram-se a mexer-se. Devia haver mais alguma coisa a mantê-las no lugar.

– Vejamos... – disse Michowsky, semicerrando os olhos. – Vê-lhe a cabeça. Está demasiado direita para ser natural.

– Não lhe toco até o Doutor Rizza chegar – respondeu Fradella.

– Escolha inteligente – retorquiu o Dr. Rizza, surgindo atrás da fita amarela. Aproximou-se, seguido de dois assistentes que carregavam as habituais pilhas de equipamento. – Vamos instalar-nos aqui – acrescentou, apontando para uma área perto da torre.

O primeiro assistente, um jovem a quem chamavam AJ, pousou a maca e abriu o saco para cadáveres. Depois, escancarou uma mala e entregou ao Dr. Rizza a sonda para medir a temperatura do fígado.

O Dr. Rizza pegou na sonda, sem desviar os olhos do cadáver. Com a mão enluvada, examinou-lhe gentilmente a ponta dos dedos, convidando depois com um gesto o técnico de cenas de crime, Javier Perez, a tirar-lhe as impressões digitais. Então, o médico legista puxou gentilmente para trás algumas madeixas do seu longo cabelo louro, expondo uma incisão profunda no lado esquerdo do pescoço.

Michowsky gostava de ver o Dr. Rizza trabalhar. Era da velha guarda, respeitoso e metucioso, levando o seu tempo, sem estar constantemente obcecado com estatísticas, números e relatórios. Era de confiança; importava-se.

– Tenho uma causa de morte preliminar para si – anunciou o Dr. Rizza.

– Dispare – disse Michowsky, pronto para tirar apontamentos.

– Vou apostar em exsanguinação, devido a traumatismo com objeto cortante no pescoço. Por agora. Conhece a regra. Não me cite até acabar o relatório.

– Arma do crime? Alguma pista?

– Terei de fazer moldes... provavelmente um bisturi. Não há marcas de hesitação. Ele já fez isto antes.

O Dr. Rizza passou a mão enluvada pelo cabelo cada vez mais escasso, limpando o suor que se lhe formava no escalpe reluzente, depois parou e olhou para a mão por uma fração de segundo.

– Esperto... mesmo esperto... – murmurou. Tirou a luva contaminada, enfiou-a no saco do lixo e calçou uma nova luva estéril.

– Não está no sistema – anunciou Javier, guardando o leitor de impressões digitais e pegando na câmara de alta resolução. – Vou começar com as fotografias.

– Ainda não – pediu o Dr. Rizza. – Dá-nos um minuto. – Procurou fios de pesca adicionais e encontrou mais alguns. Eram difíceis de ver à sombra da estrutura da torre.

Tinha a cabeça segura por um fio atado debaixo do maxilar e outro em torno da testa, escondido no cabelo. Os ombros estavam suspensos, com as voltas do fio tapadas também por madeixas cuidadosamente posicionadas.

– Estava à espera de mais ataduras – comentou o Dr. Rizza, afastando-se para abrir espaço para a câmara de Javier. – De que mais precisa? Oh, sim, hora da morte. – Verificou a sonda e franziu o sobrolho. – O momento do óbito é entre doze e dezasseis horas atrás, talvez mais.

– Então foi trazida para aqui horas depois de morrer – disse Michowsky. – Esta praia é frequentada até às nove, talvez mesmo até às dez da noite, todas as noites.

– Pois. Abre a distância para a sua cena primária do crime, lamento – confirmou o Dr. Rizza. – Pode ter sido morta a quilómetros daqui. – Virou-se para Javier. – Já acabaste? Ajuda-me a soltá-la.

AJ aproximou-se do outro lado, sustentando o cadáver, e Javier passou-lhe as ferramentas que ele pedia em voz baixa e profissional.

Cortou os fios de pesca um a um, mas o corpo manteve a maior parte da postura.

– Tem a certeza de que apanhou todos? – perguntou Michowsky.

– Sim – respondeu o Dr. Rizza. – É só a rigidez. Confirma a minha estimativa da hora da morte. O mais provável é que tenha sido trazida para aqui com o *rigor mortis* já instalado.

Michowsky virou costas, deixando o Dr. Rizza e os técnicos a acabar. Deu a volta à fita policial, dirigindo-se aos dois jovens encolhidos, a poucos metros dali, e fez sinal a Fradella para que se juntasse a ele.

Quando se aproximaram, os dois adolescentes levantaram a cabeça e olharam para eles sem dizer palavra.

– Sou o detetive Michowsky e este é o detetive Fradella. Segundo percebi, foram vocês que encontraram o corpo?

– S-sim – respondeu o miúdo. – Sou o Carl, e esta é a Kris.

– E é só isso? Simplesmente encontraram o corpo? – questionou Michowsky. – Não viram ninguém, não ouviram nada?

– Não. Juro – respondeu o rapaz, um pouco depressa demais, despertando a curiosidade de Michowsky. Estaria a esconder alguma coisa? Provavelmente, nada mais do que alguma compreensível ansiedade.

– O que faziam os dois aqui, afinal?

– Víamos o nascer do Sol. Mais nada, a sério – respondeu o rapaz. – Quem era ela?

– Ainda não sabemos. Se se lembrarem de alguma coisa, por favor, liguem-me. – Michowsky entregou-lhes o seu cartão de visita. Kris estendeu a mão para lhe pegar.

– Podemos ir para casa agora, por favor? – perguntou, com voz ténue. – Nós... não dissemos a ninguém que íamos sair. Os meus pais vão...

– Não te preocupes, vêm a caminho. Já lhes ligámos.

Kris começou a chorar.

– Porquê? Nós não fizemos nada!

– Não vão a lado nenhum, ouviram? – avisou Fradella.

Dirigiram-se lentamente à carrinha do Dr. Rizza, suficientemente devagar para Michowsky se sentir confortável.

– Deus, preciso de um café – disse Michowsky, esfregando vigorosamente o queixo. – Necessito de qualquer coisa para acordar o cérebro.

– O que achas?

– Dos miúdos? Creio que estão com mais medo dos pais do que de toda a situação.

– Não, deste caso. Nunca vi nada assim. Achas que é um fanático religioso?

– É difícil dizer. Parece-me uma morte ritual. A forma como a posicionou revela que o sacana nojento queria que fosse encontrada daquela forma. Queria espetáculo.

– Por falar em espetáculos, temos circo – disse Fradella, apontando para duas carrinhas da comunicação social que estacionavam na praia. – Quem diabo os chamou?

A alguns metros dali, Michowsky e Fradella viram o Dr. Rizza ameaçar um punhado de repórteres, inabalável até recuarem pelo menos mais quinze metros com as carrinhas. Então, Rizza mandou um par de polícias uniformizados montar outra linha, afastando mais os mirones e cortando-lhes o acesso aos dois miúdos.

– Precisamos de confirmar a identificação dela de imediato – disse Michowsky.

Fradella anuiu, apontando qualquer coisa no bloco de notas.

– Ver as pessoas desaparecidas?

– Para começar – confirmou Michowsky. – Talvez tenha desaparecido há tempo suficiente para estar no sistema. Alguém deve ter sentido a falta dela.

– Ahã – respondeu Fradella. – Achas que é obra de um assassino em série? Quer dizer, olha... o ritual, a postura, a ousadia do gajo ao trazê-la para aqui. Sabe Deus de onde.

Fradella, como a maioria dos jovens, saltava logo para conclusões extremas. Mas, desta vez, Michowsky não encontrava uma falha imediata na sua lógica além do número de corpos. Uma só vítima não bastava para se tratar de um assassino em série.

– Precisamos de três vítimas para lhe chamar série. Por agora, tudo o que sei é que necessitamos de ajuda. Isto – disse, estendendo a mão na direção da torre – ultrapassa aquilo com que normalmente lidamos. Não acho que estejamos preparados para tirar as conclusões certas.

– Gostava de tentar, ao menos. Daria uma bela captura para a nossa equipa.

Sim, demonstrava ambição, o novo parceiro. Era também bastante promissor, perspicaz, motivado e tinha o coração no sítio certo. Contudo, às vezes desejava um parceiro mais experiente, alguém que já tivesse queimado o entusiasmo da juventude e amadurecido o suficiente para saber em que batalhas valia a pena morrer.

– E correr o risco de amanhã encontrar outra rapariga como aquela? Ou na próxima semana? Porque falhámos uma pista? Sê razoável, parceiro, precisamos de ajuda. Não há vergonha nisso.

– Pensei que podíamos... – Fradella franziu o sobrolho, enquanto argumentava, mas foi interrompido por um dos repórteres.

– Desculpem, detetives – gritou um homem, dobrado o máximo que podia sobre a fita policial.

Irritado, Michowsky dirigiu-se ao repórter a passos largos e zangados, ignorando as pontadas de dor que sentia nas costas. Aproximou-se e pôs-se à frente dele.

– Está no meu espaço – disse baixinho, apontando para a fita amarela. – Recue.

O repórter deu imediatamente um passo atrás, mas continuou a estender o microfone na direção de Michowsky.

– Detetive, têm a identificação da Rapariga sem Nome? Foi um assassino em série que fez isto?

Michowsky respirou fundo, tentando acalmar os nervos tensos e à flor da pele.

– Como se chama?

– Brandt Rusch. Canal Sete.

– Senhor Rusch, aconselho-o vivamente a não começar já a arranjar cabeçalhos sensacionalistas para alimentar as audiências do seu canal. Se vir que se está a aproveitar da situação...

– O que é que faz? – repeliu-o Rusch. – Liberdade de imprensa, lembra-se?

– Oiça, esta miúda é mais do que um cabeçalho que espeta numa reportagem para vender a sua verborreia. Ela não merece isso. É uma pessoa, com nome, família e entes queridos. Não faça isso. Por favor.

– O que me impede?

– Só posso pedir. De forma simpática.

– Então diga-me o nome dela – insistiu Rusch, o seu sorriso a provocar Michowsky, pondo-o fora de si.

– Ainda não temos o nome. Assim que confirmarmos a identidade, notificamos os parentes mais próximos e depois entramos em contacto.

– Liga-me? – Rusch riu-se. – Não sou assim tão estúpido.

– Dê-me o seu cartão e eu ligo-lhe. Prometo. E nada de falar em assassinos em série também. Não temos quaisquer provas disso.

Rusch franziu os lábios e abanou a cabeça, depois pôs o cartão na mão de Michowsky.

– Fica a dever-me uma – disse e virou costas para partir, abrindo caminho por entre a multidão crescente.

Passado um segundo, outro repórter ocupou o seu lugar, brandindo o microfone.

– Detetive, terei acabado de ouvir que designaram este caso como A Rapariga sem Nome? E que terá sido morta por um assassino em série? Pode confirmar?

Ia ser um dia muito longo.